

XVIII Festival da Poesia. Em defensa das liberdades

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

XVIII Festival da Poesia. Em defensa das liberdades (2011 [2004]). Salvaterra de Minho: SCD Condado. Reedición en *poesiagalega.org. Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*.
<<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/1326>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

XVIII Festival da Poesia. Em defensa das liberdades (2004). Salvaterra de Minho: SCD Condado.

* Edición dispoñíbel desde o 24 de outubro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

XVIII FESTIVAL da POESIA

em defesa das liberdades

Artur Alonso Novelhe
Xosé María Álvarez Cáccamo
Marica Campo
Ana Belén Fernández
Carlos Figueiras
Antom García Matos
Brais González Pérez
María Lado
Miguel Anxo Mato
Carlos Quiroga
Paula San Vicente
Marga do Val
José Luís Peixoto
Valter Hugo Mãe
Jorge Reis-Sá
Sonia González

Ondjak



SCD
condado

2004

XVIII FESTIVAL da POESIA
em defesa das liberdades

S C D
condado

Salvaterra de Minho

2 0 0 4

XVIII FESTIVAL da POESIA
e m d e f e s a d a s l i b e r d a d e s

© Edição: Sociedade Cultural e Desportiva do Condado, 2004.

Coordenação: Sociedade Cultural e Desportiva do Condado

Fotografias interiores e maquetagem: Carlos Quiroga

Foto Portada: Carlos Barros

Promove: Granxa Fillaboa S.A. e Adegas Galegas S.A.

Colabora: Concelho de Salvaterra de Minho

Depósito Legal: 315-2003.

Imprime: Gráficas Jubia

XVIII FESTIVAL da POESIA
e m d e f e s a d a s l i b e r d a d e s

2 ao 4 Setembro 2004
Salvaterra de Minho

A LIBERDADE VAI EN NÓS

A democracia non existe, é unha utopía a conquistar.

A liberdade non existe, é unha ansia dalgúns peitos afoutos e un soño da imaxinación.

E as liberdades non existen en ningures, hai papeis e leis que dan pé a que as creamos posibeis, únicamente.

O que si hai é persoas que queren ser libres.

E para que haxa persoas que se queren dignas, que se queren libres, é preciso que exista antes de nada a palabra sen medo. Na vida todo ten límite, e tamén as palabras pódeno ter, pois as palabras o mesmo que poden dar paz tamén poden alimentar o camiño da guerra e chamar por ela. Mais precisamos atrevernos a falar, a escribir, a dicir libremente. Pois precisamos ser dignos e libres.

O noso país, a Galiza, foi educado primeiro no medo e logo na sumisión e no descrimento, no cinismo. Precisa oírnos falar atrevéndonos a ser libres. Con naturalidade, sen lle pedir permiso a ninguén. O noso país precisa empezar a gañar a dignidade. E a dignidade empeza dentro de cada un cando nos atrevemos a botar fóra a palabra que nos nace verdadeira dentro.

E por iso é tan daniña a censura, non porque perxudique ao censurado, que tamén, senón porque lle rouba ás demais persoas a posibilidade de coñecer, de oír as palabras sen medo, as que nos liberan. E todos aprendemos a falar escoitando, e repetindo logo. E todos temos que oír primeiro libremente, para poder pensar e ser libres.



ARTUR ALONSO NOVELHE



Nascido em México, D.F.

Estudos primários e secundários cursados na cidade de Ourense. Na mesma cidade obteve o título de Perito Mercantil.

Na actualidade tem publicado o livro de poesia *Entre os teus olhos*, e está no prelo o seu segundo livro *Umha meixela depois a outra...*, ao qual pertencem estes dous poemas.

Também tem publicado poemas na revista *Agália*, colaborado com a revista de solidariedade *Outras Vozes*, e publicado artigos no jornal *Novas da Galiza*.

MOITOS

Destruímos cidades
cujos nomes nom envejamos

pus um colchete em tua orelha

falavas falavas
como se fosse possível aliviar metáforas

antes eles
nada serves
disseste

eram muitos
adverti
muitos e nós vivemos apaixonadamente

muitos
proferimos
nosso amor se compom de nom atender vilezas

nem entender
disfarçar espécias

Demos licença usar nosso rosto
combinamos cartazes onde as barcas figuram
remansos agradáveis

pior ainda
confiamos nossos filhos a cuidar em seu proveito

muitos
que pode um fazer senom acomodar desejos

muitos muitos
que poderemos amanhã tentar
agora que miles exploram azulejos...

PÔR A OUTRA MEIXELA

Somos assim
dói-nos o vento
amargamos a beleza
porque nom somos capazes de integrar-nos em ela

Piedade polo homem
que botom a botom constrói flores no firmamento

Piedade pola mulher
que ansiava compromisso
e agora tem um ramo murcho e um prezado véu
tampando suas lindas celhas

Piedade polo jovem
que aquece suas veias inserindo doenças
porque dentro delo o nosso sonho secou duas fronteiras

e salvai
aquela alameda que nua se adormece ao passo da lua
inclemente
porque se nom somos capazes de amar um quadro
nom poderemos fazer ninhos de papel desenhado
nas pupilas das crianças de tenrura ainda ávidas

Somos assim
um resto de sol
e temperamos descalços um limoeiro

as maos vazias o peito valeiro

por isso nom julguedes em vao
aquele soldado que luita numha amarga guerra
longe de quaisquer pátria
a umha altura incerta

onde nom se pode compreender
onde nom é factível acomodar-se

ao grande general
que agora mesmo entrega um povo inteiro ao massacre
ébrio da responsabilidade
enchido de covardia sobrança
por que eles som carne da nossa carne

nom intentam compensar e nom seram jamais compensados
até que nom aprendam a desandar um atalho

mas ainda assim precisam da vossa atençom tanto
como nossas carícias na plumagem dumha pomba

porque sua Historia nom será escrita em páginas douradas
a pesares de ser abençoados
polo amor infindo que a seus filhos glosam as Cidades

Somos assim
umha palavra sua e bastará para afogar-nos

quanto mais a fundo estivermos
mais tentaremos afundir-nos em outras ondagens

De jeito que...

Salvai se é possível
os beijos encarnados

a menina que ensonha entragá-los
a um preço demasiado baixo

por que curta será a sua débil esperança

Salvai se é necessário
o vao da chuva
que escorre nos olhos danados

pois o velho que habita dentro da garrafa
nom poderá sem ela nunca mais escapar ao inferno
que ele próprio construiu
a expensas das latas consciências

Salvai a inocência
por descuido sepultada

pois o estudante que aspira sarar corpos
nom acerta sem ala elaborar seu decálogo

Salvai o candor
da sede e a friagem

pois o inocente que assume trocar às voltas um mundo
ignora profundo estar preso na roupa já gasta

Salvai a arrogância
da neve

o desejo
do gelo

pois aquele que sempre viveu desprezado
precisa delas para evitar encontrar-se

agora que ainda dispomos no bolso
dum retrato com 20 Euros.

Salvai a vontade

necessária para que aquela mulher
derrame suor opondo felicidade ao futuro dos seus filhos

por que se nom sodes capazes de salvar
 nom haverá começo
 perdom

E ter vontade de virar espelhos

por que se nom assumides vossos medos
 nom poderdes atravessar muradas
 invisíveis fios tecerão vossas amarras
 inquietantes travas desprazarão umha a umha a mesma ca-
 minhada
 e ninguém nos ribeiros virá para vos oferecer duas tábuas
 amarradas
 aqueles que pregoavam aos berros a salvação

Assim é como somos

cobrimos a córnea de vagos pedaços

derramamos o sangue em percura de esperança

e logo afrouxamos sentido

entregando liberdade
 em troca de poder apropriar-nos
 dumha mole almofada

para ocultar indefeso

Nom tenhades medo a caveira
 dentro da ossada assobia a paz eterna
 e nom transcenderemos mais aló do seu cal fervido

Nom temais arriscar impossível
 porque se nom arriscades

ermo será o fruto de vosso ventre

Nom temais da noite destelhos
o lóstrego descarga após a trovoada
calmarias necessárias

Estai atentos
viram roubar os lares que pretendíais seguros

em lume ham sucumbir
todas as jóias que fostes acumulando

e o tesouro da certeza
esfarelar-se-á num segundo de longa e efémera conversa

séculos a construir
horas e horas a discernir
e todos vossos planos tombados a intempérie
recolhem com normalidade o peso de cada momento

e vós a caminhar em longas fileiras
no intuito de salvar as carnes que já nom pesam

até um desterro que sempre fica inserido no peito
e levamos connosco magoado desde que nascemos

Somos assim
nom reparamos até que nos doem as veias

nom supomos
até que estamos imersos

Enquanto eles trabalham por nós

nós cumprimos com o ritual:

sempre a mesma meixela



XOSÉ MARÍA ÁLVAREZ CÁCCAMO



Xosé María Álvarez Cáccamo naceu en Vigo no ano 1950. É profesor de Literatura, poeta e crítico literario. Ten publicado ademais obra narrativa e teatral. Como poeta recibiu o Premio “Esquíó” (1986), o Premio da Asociación de Críticos de España (1987), o Premio da Crítica de Galiza (1998), o Premio “González Garcés” (1999) e o Premio “Arume de Poesía para nenos” (2001).

É autor dos seguintes libros de poemas : *Praia das furnas* (1983), *Arquitecturas de cinza* (1985), *Os documentos da sombra* (1986), *Luminoso lugar de abatimento* (1987), *Cimo das idades tristes* (1988), *Fragmentos de mar* (1989), *O lume branco* (1991), *Colección de espellos* (1994), *A escrita das aves de marzo* (1997), *Calendario perpetuo* (1997), *Os cadernos da ira* (1999), *Vocabulario das orixes* (2000) e *Depósito natural* (2002). En *Anco-radoiro. Obra poética (1983-2003)*, publicado en 2003, recóllese a súa poesía publicada até o momento. No ano 2004, en edición bilingüe castelán-galego, publicouse unha escolma da súa obra poética, titulada *Habitación del mar. Antología, 1983-2003*.

Como narrador publicou os libros de relatos *Microtopofanías* (1992) e *A luz dos desafortunados* (1996) e como autor teatral *Monstro do meu labirinto* (1987) e *Casa dormida* (1988).

A GEORGE BUSH, CRIMINAL DE GUERRA.

Desde dentro da única zona de luz
 baixo a cúpula ou víscera seca do terror absoluto,
 desde a fonte xeada do sangue a deitar bágoa a bágoa
 unha sílaba muda de espanto,
 entre os corpos de ferro fundido
 que pronuncian o último asombro,
 desde a sombra dos ollos dos nenos
 cunha rosa redonda de fume no iris
 e na voz un anaco moi triste de nome de nai e na altura da tarde
 conmoción e pavor contra a pel de laranxa do ar no mercado
 de Suq Naser, Bagdad,

ao señor presidente
 dos Estados Unidos de América envío razón
 de desprezo e de raiba infinita,
 unha lúa de ira
 a medrar no alicerce das horas como medran os ríos
 desde as bocas da neve.

Desde dentro da única zona de luz ,
 desde as fontes do sangue en procura do gas luminoso da paz,
 desde o lóstrego branco dos ollos dos nenos que morren extraños
 e na voz un fragmento de nai, unha brétema, nada,
 somos nós en vontade imparábel
 a orde nova do mundo. Somos nós desde as prazas
 da revolta en clamor a paixón da esperanza,
 Compostela, París, Budapest,
 Estocolmo, Berlín, San Francisco, Lisboa,
 Teherán, Barcelona, Yakarta,
 Roma, Londres, Beirut, o furor
 contra ti, presidente George Bush, contra todos os cómplices
 da mentira e do crime absoluto, conmoción e pavor.
 Criminais, escoitade
 o balbordo do mar:
 o desprezo e a raiba, a razón da xustiza,
 a semente da Terra futura sen vós
 desde dentro da única zona de luz.

SEMPRE ALEXANDRE BÓVEDA

"A traxedia persoal de Bóveda está inscrita
na dimensión colectiva da traxedia dun pobo enteiro
brutalmente esmagado, con milleiros de mártires
maiormente anónimos que el amaba máis que a si mesmo. /.../
Por iso, aínda hoxe, facer pública lembranza de Bóveda
constitúe unha transgresión que espanta aos herdeiros
ideolóxicos e políticos dos autores do crime aínda hoxe impune"
XOSÉ MANUEL BEIRAS TORRADO

Parece que foi onte a túa morte
e baixas roto aínda en cruz de alba
dos cavorcos de Agosto.
Enturban e corrixen o teu tempo,
inventan un azar de dinamita
que estoupa sen motivo.
Parece que foi onte porque hoxe
traballan o silencio como culpa,
oblicuos e confusos,
e negan a razón, fechan o día.
Son os de sempre, aqueles, os de nunca.

"Estarei sempre en vós", Amalia, os nenos.
Un mar de pobo aberto no teu sangue
recolle esa promesa.
Por iso estás en nós, vontade brava
ou paixón que conduce e fai soñar.

Sempre Alexandre Bóveda,
rumbo completo e norma sen fragmentos
que concentra na hora da Caeira
a dimensión precisa da semente.
A túa morte explica a túa vida:
a escrita do teu corpo perseguido
desde antes de nós, desde despois.

Dixo Antón Avilés de Taramancos:
"o pobo, esa memoria que alguén nos arrebatou,
está bebendo a grolas no monte da Caeira".

Parece que foi onte, será sempre.

17 Agosto 2003



MARICA CAMPO



Segundo me contaron, nacín o 24 de febreiro de 1948, nevaba e o meu pai estaba cun pé no outro mundo. Na partida de nacemento figura o 25. Seique retrasaron a data por non pagaren unha multa. Parece ser que, para as nenas, había un mes de prazo e, por mor da doenza do meu pai, sobrepasárono nun día e, quenqueira que me fose inscribir, decidiu cambiar a data. Afortunadamente meu pai non morreu e despois de min —que era a quinta muller— veu o neno e despois outras dúas nenas máis. Nacín no Val do Mao, no concello do Incio, ao Sur de Lugo, e alí pasei os primeiros anos. Á escola fun en Lugo, mais pasaba o curso soñando co verán no Val do Mao, un espacio para a liberdade e as aventuras infantís. Alí, as sete irmáns, o irmán e mais un curmán que vivía con nós, fixemos historia por mil e unha trasnadas que sería imposible relatar neste espacio.

Falabamos castelán, mais escoitabamos continuamente o galego porque, a maioría das xentes do lugar, por fortuna, non mudaban de lingua para conversar con nós. Tamén o meu pai, que disimulaba o seu galeguismo por mor dos tempos que corrían e por ter tido algúns problemas ao estalar a guerra, nos ía ensinando moi sutilmente cousas de Galiza e da nosa literatura. Había algúns libros en galego na biblioteca da casa, unha biblioteca heteroxénea, mais bastante ben surtida se se ten en conta o momento do país. Isto, sumado ao exemplo dun pai e dunha nai bos lectores, fixo que tamén nos o fósemos.

Eu, xa de moi nena, escondíame nun pombal que había no fondo da horta para escribir historias que me inspiraban as cancións que escoitaba na radio ou nun gramófono ao que lle había que dar manivela. Como as cancións eran La zarzamora, tangos e cousas polo estilo, eu escribía verdadeiros folletíns que supoño que, de los agora, faríanme rir moito. Fun moi mala estudante, sobre todo en matemáticas que, aínda que as entendía ben, non me gustaban nada. A verdade é que, se atendía nas aulas, pouco máis tiña que facer, pero estaba sempre de corpo presente e de espírito ausente. Os meus pais desesperaban comigo porque, ade-

mais, era rebelde e negábase tamén a facer os labores domésticos que me correspondían no reparto de tarefas. Tampouco gustaba de que me despertasen para ir á misa que o cura viña celebrar todos os días das vacacións á capela da casa. Eu era, resumindo, a ovella negra da familia. Mais aos quince anos "convertínme" e quixen ser misioneira. Ingresei nunha orde relixiosa. Os meus pais, que eran moi píos, deixáronme ir aínda dubidando de que botase alí máis dunha semana, pero foron cinco anos, tres meses e vintecinco días. A experiencia servíume para me facer máis reflexiva e disciplinada e, dende logo, non volvíñ suspender. Acudín á Universidade Pontificia de Salamanca onde fixen estudos de Teoloxía. Obtiven o título de mestra en dous cursos, por libre, e tamén inicié Filosofía e Letras, pero abandonei pronto porque non me chegaba o tempo para traballar e mais ler. Durante moitos anos lin un promedio de seis libros á semana. Os meus primeiros relatos, en castelán, publiquéinos nunha revista de mestres que se editaba en Madrid e que se chamaba "Contacto y acción". Paseime ao galego, tanto na práctica monolingüe da fala como na escrita, durante a miña estada no Colexio Público de Castro de Rei. Alí descubríñ o desaxuste en que vivía ao estar nunha casa prestada tendo casa de meu. Nesta mudanza axudoume moito Xosé Manuel Carballo, o primeiro traductor de Molière ao galego entre outras moitas cousas. Durante anos escribíñ poemas que gardaba, publicaba algún solto en revistas ou recitaba nalgún acto colectivo. Participei nalgúns concursos de poesía, prosa e, mesmo, teatro con bastante sorte. Pero non me molestaba en xuntar as cousas para un libro, aínda tendo o ofrecemento de máis de unha editorial. Tamén facía algunha letra para Fuxan os Ventos.

A insistencia de moitos amigos e amigas non valeu de nada ata que dous profesores da Mariña de Lugo, Bernardo Penabade e Carme Cociña, e mais a escritora Pilar Pallarés, se xuntaron comigo unha fin de semana e me axudaron a facer unha escolma. Foi a pequena antoloxía titulada "Tras as portas do rostro". Exercín a miña profesión en moitos sitios —Muimenta (Cospeito), Castro de Rei, Canarias, entre outros— pero onde estiven máis anos foi na Mariña de Lugo. Na actualidade imparto aulas no IES de Guitiriz. Teño pouco tempo para escribir e non consigo librar-me de cargas e compromisos que me ocupan abondo, mais son de escrita moi rápida. Hai relatos de "Confusión e morte de María Balteira" que fixen en pouco máis de dúas horas. Os trinta e tres sonetos de "Pedínche luz prestada" foron catro días. Unha novela curta que me premiaron no Concello de Vilalba elaboréina en seis días... Isto non quere dicir que a xestación non fose longa, senón que o parto foi rápido. E rápido tampouco quere dicir doado. Sempre dixen que, antes que escritora era persoa e que, o primeiro, era vivir. Agora, cada vez máis, sinto a necesidade de escribir e penso que, talvez, escribir é vivir.

[Febreiro, 2002]

CONFESO QUE ESTOU TOLA

Para Pura Vázquez

Confeso que estou tola:
Teño alucinacións multicolores
nos plenilunios e ando a cortar lilas de auga
para poñer, vizosas, en púcaros de lume.
Porque vén ser que alobo cando a lúa é máis grande
e branquiamarelea na pupila do mundo.
Daquela escoito músicas de tambores e frootas
e bailo cos pés nus no caborco da noite.
Penduro das orellas espantos coma brincos
de morcegos pregados e falo coas coruxas
na lingua máis arcana.
(Ignoro se me ollades, se estou engaiolada
e vós, por divertirvos, ceibades cacahuets
entre as reixas que afastan o meu soño e o voso)

Confeso que estou tola: teño unha barca branca
que navega por rúas e por ríos de vidro
e eu vou de pé na proa, cos remos cara ao ceo,
derrubando as estrelas.
(Non sei se as recolledes, se apañades os frootos
da vendima dos astros para facerdes viño
e cuspirmo nos ollos)

Confeso que estou tola: Eu vivo no tellado
da casa e cando chove bebo a chuvia que cae
e dela me alimento. Béboa coma quen bebe

tempo desconxelado, champaña á fin da festa
ou un amor que pasa. Despois, cando clarea,
perdo o medo e camiño sempre á beira do aleiro
desafiando a altura.

(Descoñezo se andades a chamar os bombeiros,
porque a vertixe é vosa e a bebedez é miña)

Confeso que estou tola: Quero facer fileiras coas formigas,
confeso que estou tola, e que leven pancartas co teu nome,
confeso que estou tola.

Quero subir ás barbas do xigante, confeso que estou tola,
e dicirlle na orella algún segredo, confeso que estou tola.

Quero coller o touro polo alento, confeso que estou tola.
e levalo a unha feira nas galaxias, confeso que estou tola.

Non quero ir convosco á perruqueira, confeso que estou tola,
gusto de ser a muller despenteada, confeso que estou tola.

Confeso que estou tola, confeso que estou tola,
Confeso que estou tola. Amén.

BRINDE

En qué pupila o cadro enteiro, as pinceladas sombras
que nos días, que nas noites,
en qué pel o asombro recolle tantas mans dispersas,
o costume de amar, ónde a vertixe.
Un lóstrego vivido que foi séculos,
agora cinsa entre os labios toco a morte,
non desexo, mais ven, teño a grilanda azul
para o teu van de lume.
Quebrou cristal e viño a copa, bebe,
alza os dedos que sangran para o brinde,
di o meu nome e sorrí, tal vez aínda
na cicatriz a rosa, ven e sálvame.



ANA BELÉN FERNÁNDEZ



Ana Belén Fernández Rodríguez nace o vinteún de setembro de 1975 na provincia de Ourense. Dende entón vive nun pobo pertencente ao concello de San Amaro. Cursa os estudos de primaria no colexio público Euloxio Gómez Franqueira, onde comeza a súa andaina polo particular mundo da poesía. Durante o bacharelato fai unha pequena publicación dun poemario, que lle servirá para darse a coñecer nos círculos do concello do Carvalhinho.

Actualmente forma parte dun grupo de poetas nóveis que loitan por manter vivo un xénero “de mínimos”.

“NON SON, SENÓN O QUE DIN OS MEUS POEMAS,
NON SINTO, SENÓN O QUE FAN SENTIR OS MEUS POEMAS.”

ROSA, ROSAE, ROSA

O berce inqueda
 ánfora luminosa do amencer, dun novo día
 reverdece unha e outra vez
 diante da atenta mirada
 de minúsculas partículas de conciencia
 suxeitas a paredes chegadas
 escasas de beleza.

Baixo dun teito aderezado de grácil seda
 as mornas labaradas deixan ó seu paso
 un sinfín de sombras sen cara
 sen nome;
 parteiras retiradas
 esgotadas de pór en marcha
 devotos peregrinos da vida eterna
 e o amor verdadeiro.

Sobre a chan, aínda frío
 comezan a medrar, entre pegadas intanxibles
 milheiros de historias,
 outras historias
 historias de dous,
 historias de tres,
 historias de moitos,
 outras historias.
 historias que non se ven,
 historias que non se oen,
 historias que nunca sobran.
 historias que se contan,
 historias duns contadas por outros,

histórias doutros contadas por todos,
histórias a fin de contas.

Pero é o mesmo arrecendo
de palabras mal contadas
o que bate unha e outra vez
nas portas do esquecemento,
tentando en van
gornecer, unha velha enrugada
que repousa hora tras hora
minuto tras minuto
sobre o seu trono de aramio,
salvavidas de transeúntes imprudentes,
agardando recuperar entre sorrisos de estranhos
a volta da pereza o desexo,
a luxuria, o encanto e os sonhos fértiles.

Vogando por mares de alquimia etílica
atópanse, outra vez
a nena, a moza e a velha
tentando acadar, a pócema
de eterna xuventude,
bebedizo que sacie a sede de hoxe, e
que reverdeza a madurez do manhán.

Famentos de ambrosía
aceptan os deuses a súa calidade de mortais,
agardando indefensos,
a chegada da triada, divina inconsciencia,
escuridade, paz i esquecemento.

TEORÍA DA RELATIVIDADE

O enxeñeiro ficou a olhar para a ponte.

-Non,
unha ponte demasiado estreita!- pensou.

O pensamento é relativo,
túdo-los pensamentos de enxeñeiro son relativos.

Gosto de caminhar polas pontes
-pensa o enxeñeiro,
gosto de caminhar,
gosto das pontes;
pero esta,
esta é unha ponte estreita!-

Non deixa que corra o ar,
gosto do ar;
a miúdo, o señor enxeñeiro
mergúllase na auga para non sentir
a presenza do ar.
El dí que porque gusta do ar.
-Gosto do ar,
gosto de caminhar,
gosto das pontes.-

A distancia que separa un lado do outro
asemella golpear o peito espido do enxeñeiro
cada vez que tenta cruzar;
iso é o que di el.

O enxeñeiro endexamais cruzou unha ponte;
a pesares diso, tende o suposto
que gusta de caminhar polas pontes,
por entre o vai-vén de ar que circula
por uns carris
limitados a cuarenta;

por enriba de todo
e soportando o peso da nada,
marchando a paso de anano
sobre o Goliat da esterilidade.

Aínda hai quen se pregunte.
Por qué non cruza a ponte o enxeñeiro?
Seica ten medo,
medo de cruzar,
medo de cruzar unha ponte tan estreita,
medo
de cruzar calquera ponte.
Pero
por qué non cruza ningunha ponte o enxeñeiro?
Seica ten medo,
medo de esquecer.

Unha vez máis
o pensamento de enxeñeiro é relativo
tódolos pensamentos do enxeñeiro
son relativos.



CARLOS FIGUEIRAS



Carlos Figueiras (Chantada 1981) pretende ser simplesmente uma palavra, uma palavra que se escreve com <v>, com todo o significado que isto tem num sistema literário galego que vive de costas à lusofonia. Membro do M.D.L. (Movimento Defesa da Língua) e sócio da A.G.A.L. (Associação Galega da Língua), tem recebido, aos vinte e três anos, os prémios “Caminho de Santiago” e “Certame Literário de Pinhor” na modalidade de narrativa, e o prémio de poesia “Vozes da Terra”. Para além das pequenas publicações colectivas como *Cinco Contos* ou *Vozes da Terra* em que participou depois destes certames, vem de colaborar na antologia “Literatura Galega Hoje” publicada na revista *Mealibra* do Centro Cultural do Alto Minho.

COM AS TUAS NÃO LEMBRANÇAS

Materialidade, pedra e dura, reverência
 habilidosa dos inferidos, feridos pelo tempo.

Avô, perdem-se os teus naipes derrotados sobre o mármore
 não lembras já o valor das cartas modeladas em figuras
 não há marmelada na mesa
 e o dorso das cartas não sabe já a vitória.

Mentira abrumadora. Realidade, fria e seca e irreverente e jac-
 tanciosa
 dos não vencidos invencíveis pelo tempo.

Nova forma numeral do jogador incombustível
 “incombustível” nos lábios do silêncio
 impronunciável o que pela palavra sinto...
 sinto avô que pelas “sem palavras” te perdi
 num mar, naufrago, afogado do oceano eivado, baldado de cais
 em que sonhar
 arribar nos teus olhos chorosos, irredentos
 realidade incessante, vontade, triste e impura
 impaciência infinita, calamidade das não ideias.

Deus não fez o céu para os amnésicos...
 (padecerá ele também Alzheimer?)

tu já quase não estás
 a mim já só me resta uma praça no silêncio e
 caminho desolada entre saias “assexuadas”
 que me dogmatizam toda inteira de pequena
 saias, ultra-poderosas, divinas que levantaram o corpo dos caí-
 dos
 sabendo-me temerosa de DEUS e também
 do mundo real
 das consultas médicas.

Fantasia dos meus sonhos sepultados
nas não lembranças
últimos relanços dos sorrisos simultâneos e
respiro enfraquecida depois da derradeira contracção
desta minha dor pequenina,
finaliza assim hoje o meu pranto
pelo des-gestar agressivo com aborto visceral das não lem-
branças, des
necessárias, imprescindíveis.

Operadora!... tons estéreis que coarctam a voz... treme-
luzente...
número desconhecido... mais que nada no mundo... que
só seja
uma chamada perdida.

«EGO SUM DIGNUS»

I

EU

sou digno Senhor
 de que qualquer pessoa entre
 em minha casa
 e sou digno também
 Senhor
 se eu decido fechar a porta
 e esquecer,
 pois
 Senhor!

Eu não sou merecedor
 nem do pão acedo que me dás
 dor
 da carne da tua carne
 na toalha de linóleo
 dos meus passos
 cada dia

Nem da fome
 Nem da morte
 Nem da repressão
 Nem da violência

dos teus filhos
 Senhor
 que vigiam o Céu
 para impedir a entrada
 às margaridas...

Eu não quero um Céu sem margaridas...
 Sem criancinhas da Angola!
 Sem árabes nem pretos!
 Com orfanatos chineses!
 Sem tupi nem guarani!
 Sem meninas a falar galego!

II

Senhor!
Tu que tiras o pecado do mundo
não permitas Hiroshima e Nagasaki
não permitas Vietnam nem Coréia
não deixes assassinar em Bagdá a Xerazade...

Senhor!
Se uma palavra tua vai ser suficiente para nos salvar
pronuncia
então
Kabul com força
e não esqueças Palestina...
Amém!
De ser uma palavra sua suficiente
não está a ser terrivelmente cruel viver no silêncio
de
Deus?

...será que Deus não existe.

NŦIAM NAS MINHAS TÊMPORAS

Três tristes sonhos caminhavam rua arriba
 colhidos das mãos
 entrelaçados
 e tu, NŦiam, corrias atrás deles berrando caramelos,
 recortando pedacinhos de papel charol, verde-azulados,
 sonhando-me outros sonhos de riso e de calor azul-estático
 em que eu gostaria de dormir
 desconhecedor ainda das cores dos sorrisos.

Três tristes sonhos céu arriba e mais alto
 se é possível
 e tu caminhavas assustando-os
 caminho do céu pelos telhados para mim,
 dormido
 sonhador deslabaçado.

E mais e mais alto ainda, NŦiam
 paralela aos terraços,
 perpendicular à janela
 debruçada dum jeito oblíquo agora cara ao Sol
 admiras calada e sossegada
 céu abaixo, no longínquo corredor da realidade
 esta triste rua dos pedestres
 massificados em que eu, cruzador de ruas solitárias,
 durmo
 esta noite.

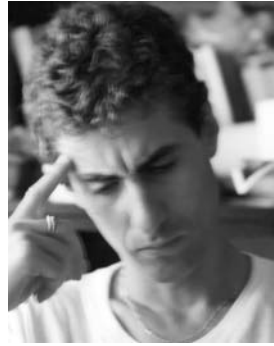
Admira-los a eles, nauseabundos
 que regurgitam sobre mim, anjo caído, tangentes ao chão
 pelo que decorrem
 ignoradas
 as misérias,
 e paras-te em

mim dormitante
desta auto-gravidez desnecessária
provocada pelo medo a dormir dos sonhadores.

Foi então quando eu vi Ntiam
lutando com estes três sonhos tristes depressivos
que me lançaram com cruenta violência
à minha auto-protecção materno-infantil egocentrista,
foi assim quando eu te vi, Ntiam: vencedora!!!
Neste nosso olhar sincronizado mendicante de aconchego,
foi então quando acordei, nesta praça, no silêncio...
do sono triste daquele em quem só, existem os sentidos si-
lenciosos.



ANTOM
GARCIA
MATOS



A meados dos anos '80 forma parte do Colectivo de Acçom Poética *Papá Tem Fame e Nós Também*, de Compostela, recitando em liceus e em actos sociais.

Em 1.989 aparecem os seus primeiros poemas em *SUSA*, pioneira e histórica publicação que canaliza a criação cultural dos/as prisioneiros/as políticos/as bascos/as.

A liberdade do meu Povo
será este mencer
de laverças
carapuças
e carícias de cervum
no Vidulante

(A Cabreira)

Construim coroas de espinhos
com os reflexos prateados do teu sorriso.
Coroado
caminhei mil dias e mil noites
sobre o gume acerado do teu nome.
Abatido
sacrifiquei-me na cruz do teu corpo inalcançável,
da tua memória.
Cruzificado
arrastei-me
por esta primavera ensanguentada,
de corpos fanados,
de almas imoladas.

Altas malhadas
engalanadas
de Crocus e Narcissus
onde durmo
um silêncio
lânguido
invertebrado
desde o começo dos tempos

(Moncalvo-Tera)

Sou o abscesso de pânico
rebutando
numha dança perpétua
cuspindo
jorros de decadência e de nojo.
Sou a luxúria
condenada a cadeia perpétua
em cela de castigo
sem horas de pátio
a golpear-se a cabeça
contra os barrotes
as paredes
a porta
o chão
sangrando os olhos
retorcendo-se agónica
aderindo-se babante à mugre.
Sou o stress
pós-traumático
traumático
pré-traumático
arrastando-se demoníaco
polas vossas repugnantes entranhas
para engendrar-vos noites
de insónia
de suor frio
de tranqumazins e valiuns.
Sou o supositório suicida
adestrado para despedaçar-vos a alma
e afogar em oceanos de asco
o vosso sorriso estúpido nauseabundo
listo já
para emboscar os vossos cus
na noite mais tenra



BRAIS GONZÁLEZ PÉREZ



Brais González Pérez nasceu o 13 de xullo de 1988 nunha aldea da Galiza Sul, de nome Salceda de Caselas dentro da comarca do Condado, porén padece el de paixón verdadeira pola raia miñota antes citada e o Val da Louriña onde se convoca o seu S. Estevo de Budiño natal.

Membro dende o 2002 do grupo de acción poética e intervención social Redes Escarlata. Cursa hoxe estudos de 4º de ESO no CPI. ALTAMIRA, en Salceda, e é posuidor dalgún premio literario como o que el gosta dicir Anxo Casal, así como o Pardo Bazán, ou o Premio Ouréns para a Mocidade. Dáse a coñecer o primeiro de febreiro do 2003 (casualmente nun recital de Nunca Máis - Burla Negra) cunha teima de poesía revolucionaria que aínda hoxe continúa.

Asiste por segundo ano consecutivo ao *Festival da Poesía do Condado* do que segundo el: “gardo un recordo gravemente inestimábel, case devoción”.

Hoxe confésanos estar a traballar nun proxecto, poida que segredo, co que seguramente nos sorprenderá en breve.

ÚLTIMO CANTO

... a Darío Xohán Cabana e a Cesar Vallejo

Melancolía, son cinguidas as empuñaduras
da espada capitalista
por limpar o seu gume labrado de sangue
no noso peito baleiro de vida, e insignias.

O morrer, mariñeiros de Cangas e Vigo,
peneirando o sangue dos labirintos aos que
non demos saída, é de mártires,
o antepenúltimo antano futuro da bandeira aos pobres.

Cans de xeo,
ambos vomitamos co mesmo tempo inmóbil
as mesmas zagas pra grises poetas
republicanos.

Melancolía, o puño desfeito en
oitocentas balas afrouxa os derruídos penedos
pra debuzarse en amarrar todo o cauce
dos heroicais ríos.

En ningures, o vento nos dirá
co seu idioma de follas novas
onde agardan os nosos mortos
asediados de petróleo.

Roxas rosas,
tálanse os vosos corpos miúdos
ao igual que en rifles espirais as nosas palabras;
vosos pétalos acabados en disparos!

Melancolía, a batalla, o río,
todo se acaba ao ancho dos cómaros
para formaren na lama
os finais adeuses.

A pluma, a nosa outra arme
case tan mortal coma aquil silencio
que fluíu das máis
túas últimas palabras.

Tuareg, baixo o dioivo dos cantos
aniquilados á cega nocturnidade,
ás oito, deserto,
petrificada derradeira fronte de resistencia.

Melancolía á morte dos cans de xeo,
melancolía no ningures das roxas rosas,
melancolía de batallas, ríos, plumas, armes, tuareg
todo a se antepoñer na lembranza.

PURÉ DE VÍCTIMA

Batemos na cañota que foi asento
dos deuses en verba estériles,
en lingua fame de eixada rota
que a mala herba ten de medrar
no camiño.

Arde ao leste labouroso cuartel de queimar,
e o EG saíndo do seu tobo
porta na dentadura
un sabre de ferro
dos de Fábrica de Tabacos.

Acoro que o Miño teño ao pescozo
cinguido, e igualmente
un xordo vou co destiño apegado
nos tímpanos, no peto
unha patria miña que por ocres corvos
xa mortos foi conquistada.

Lonxeva e rexa pluma
dos albaneis da stirpe.

Doncelas de biquiño encarnado
gorentan o acougo múltiple
das pozas que en terra non nos
disfrazan.

Coa forza da lingua abrimos
o sulco do mundo
que habita entre os labres.

Os que quixeren pois ser febles
en espada
desertan o rescataremos no segredo
do foxo común aos mineiros
que en minerais se incrustan da
memoria.

Lonxeva e rexa pluma dos albaneis
da estirpe nosa
que no cerebre bótanse os soños a montesío.

...de cando Ascón e Barreras
eran unhas vellas sabas
bordadas.



MARIA LADO



Nacín camiño de Compostela o día da república de 1979. No coche ían miña nai, meu pai, miña a voa e un taxista de Cee xa afeito a atender partos. Era sábado de gloria, especialmente para miña nai. De pequena vivía nunha aldea dominada pola fábrica de Carburos Metálicos e quería ser escritora. Miña nai quería que fose xornalista e meu pai que aprendese fotografía. Acabaron separándose.

Antes de rematar o instituto, a forza de intensas horas de convivencia de taberna, acabei facendo amizade coa xente do recién creado Batallón Literario da Costa da Morte e escribín os meus primeiros poemas. Tiña 18 anos, moitas ganas de recitar e moi poucos textos. Así que, nalgunhas desas noites que non sabería situar con precisión, tomei a decisión de escribir o que sería o meu primeiro libro, *A primeira visión* que publicaría Letras de Cal no ano 97. Con el percorremos media Galicia de presentación en presentación e conseguimos vendelo todo. Isto fíxome pensar que tal vez debera escribir outro, pero estaba claro que eramos poetas de acción, de recital e bar, así que fun tirando varios anos lendo textos soltos e colaborando en volumes colectivos. Con esta vagancia miña colaborei nos libros colectivos do *Batallón Nós* (1997), *Rumbo ás illas* e *Mar por medio* (1998) que nace dunha viaxe a Cuba e recolle poetas novos cubanos e galegos.

Por esta altura xa cheguei a Compostela e matriculeime en Filoloxía Galega, comecei a facer teatro nun grupo universitario e continúei escribindo poemas que pasaron sen pena nin gloria polo fondo dos meus caixóns e algún relato de máis mérito.

Confirmada a miña capacidade como poeta a contagotas para libro colectivo —o cal ademais me permitía seguir escribindo e recitando sen ter que curarme un libro enteiro— participei noutros volumes como *O entrelazo da pala-*

bras (1999), a antoloxía *Defecto 2000* de Letras de Cal (2000), a antoloxía “A península de Babel” da revista portuguesa *Comentário*.

Finalmente, despois de catro anos de revisións, dei a imprenta *casa atlántica casa cabaret*, editado por Xerais no 2001 e que ten case tantos poemas publicados como sen publicar (xa que seguín escribíndoo despois de que se editou). Esta casa atlántica debe moito á revista *Alquimia* e ás súas xentes.

Nos últimos dous anos compaxinei a miña atractiva carreira de Filoloxía cun Ciclo Superior de Producción e saíronme pequenos traballos en teatro e moitos relatos –un deles recollido no libro *Narradoras* (xerais 2000)- e poemas que aínda non saben do seu futuro, e sobre todo recitais, que é o máis interesante de pensarse poeta.

Mentres o Prestige non chegaba, mandei poemas e relatos a diferentes revistas e, aínda que seguro que son máis, agora só me acordo de *Dorna* e de *La Luna* de Mérida, que por certo sacan uns libros ben bonitos.

E cando novembro atracou na Costa da Morte, collín o barco de Burla Negra ó país de nunca máis e dende alí escribín poemas para colaborar en *Negra sombra* (Espiral Maior, Xerais e FLG, 2003) e *Sempre Mar*, cultura contra a burla negra (AC Benito Soto, 2003).

Actualmente, e a pesar de ter un traballo honrado, escribo columnas para *Vieiros*, fago de axudante de dirección nunha compañía de teatro e de manipuladora de títeres noutra, e de cando en vez tamén durmo. Pero non descanso moito, doulle voltas á cabeza pensando como me vou enfrentar ás gramáticas que me quedan para que me dean o título.

Así doe novembro. así me doe nas moas apertadas contra ti. doe coma un barco, unha traxedia para un pobo ou o recordo dun membro fantasma. doe porque non te das ido aínda que marcharas e non hai bálsamos para o baldeiro dun amputado. nin sequera doses xustificadas de codeína contestan as miñas mensaxes. nunca preguntas. por min. nunca preguntas por min. así doe a praia na que nos coñecemos. toda ela cábeme espesa nos petos do abrigo e entéranse as mans entre as cunchiñas, facendome cortes .

¿sabes que sangro polas mañás? pequenos cortes invisibles que deixou todo o que ven despois da marea. así doe novembro e máis. Imenso. onde o mar rompe contra as pedras novembro doe inmenso. alí e onde máis manca que non che son nin sequera un recordo.

Intento todo contra onte, o lugar onde varan os cargueiros. a illa dos destellos. todo. protéxoches das plumillas mouradas, recordo como eramos antes da tarde dos portazos. deste único modo intento evitar a xeografía máis árida de Dolor. non quero ver a paisaxe afastarse a través dos vidros do coche de liña, engulindo o meu sorriso. ¿para os transportes públicos se me amas? que se me pechen os ollos de bagoas. por se acaso. que se me pechen de bagoas e que garden os recordos máis fermosos de ti. que se conserve nas miñas mans o tacto do teu cabelo coma un día feliz de praia. que se pare na miña boca o teu sabor con toda precisión e que alguén anote a composición exacta do teu suor para levalo sempre pegado no peito. que se deteña hoxe nun lugar distinto de onte e me de tempo de gravar a presión exacta dos teus brazos rodeándome, o nome xusto da cor dos teus ollos. por se acaso. que non se peche a porta con ese toque seco que disimula o baldeiro das escaleiras. que non te vaias onte. que non te vaias. que haxa folga de funcionarios na illa e non poidan tramitar o meu expediente. e non sexa certo que quedarei de novo aquí, estacionada. nas extremas rexións . queda cerca . de min. queda. sigue os meus pasos dende unha boa distancia. só para dicirme que hai outras formas de escapar Dolor, de eludir a súa estricte vixilancia.

Hai paisaxes coma coitelas. evitan que saimos desta illa. son as agullas no interior dos brazos coas que nos ameazan. son imaxes coma medo de superoito caseiro que repiten sen descanso nas salas de proxección da capital.

e todas os fotogramas son sempre fermosos. aquí ninguén lembra que foi peor.

de modo que as árbores escasean e é difícil escribir dende as paraxes secas.

as mareas morden. apretan con correas ata a dor. todo se complica. hai días que simplemente é imposible saír de aquí.

ser nesta rexión que apuña.



MIGUEL ANXO MATO FONDO



Nacín en Ponteceso, o ano 1953, e había un inmenso xungal aquel abril. Alí pasei a infancia e despois fun vivir á Coruña, onde estudei no Colexio Academia Galicia o bacharelato. Vivín no entorno dunha familia tradicional, com moita xente e moitas visitas. Os avós teñen un grande protagonismo na infancia, especialmente as avoas, debido ás súas personalidades tan diferentes, tan distintas na forma de influir en min. A miña avoa Teresa, nai da miña nai, foi quen me iniciou na lectura e no amor pola arte. Era mestra, tiña unha grande cultura e ensinoume francés. Viña dunha notábel familia de Corme e un irmán seu foi o mariño e naturalista Xosé María Mosqueira Manso, do que sempre me falaba com grande amor, respecto e admiración, ao tempo que del calou algunhas cousas que non conviñan a unha familia de moral un tanto puritana como a miña, mais que, cando delas me enterei, fixeron do ilustre mariño unha personaxe moi simpática aos meus ollos.

O mundo da infancia poderíase explicar tamén a través de imaxes, como fotos fixas: o inverno e os xungais anegados, os bandos de aves invernantes, os cazadores, os días interminábeis do verán, tan luminosos, as agras amarelas co trigo, as anduriñas, a praia de Valarés e o seu mar, a pesca da robaliza na marrea, o río, a recitación dun poema de Pondal aos catro anos. Tamén a xente que viña pola casa, os labregos, os días de feira, os cans. A horta de froita. Os avós que foron indo pouco a pouco cara algún lugar perdido entre a néboa.

Logo marchei para A Coruña, por razóns de traballo do meu pai. El foi quen me aproximou ao mundo rural que el coñecera e amaba. Un mundo que naqueles anos comezaba o seu esmorecemento. Na Coruña viñeron tempos de bacharelato e primeiros anos de estudos universitarios. O coñecemento doutros rapaces e dun mundo urbano que daquela semellaba enorme. Significou tamén a continuación da maxia do cine e do ambiente de discotecas e, máis

adiante, do mundo da noite, dos pubs. Daquela estaba o mítico Patacón e pouco máis. Sonaban as cancións dos grandes grupos e chegou Abbey Road e todo isso.

A participación política demorou un pouco, e cando chegou foi unha aproximación ao Partido Socialista Galego. Primeiro, o compromiso de utilizar o galego como única lingua de expresión, e o orgullo da tribu. A entrada no nacionalismo de esquerdas significou un novo rumbo na vida, en moitos aspectos, claro.

Non deixei xamais o contacto co mundo pontecesán que alterno co coruñés.

Os anos na universidade, primeiro na Coruña e logo en Santiago, concedéronme o coñecemento de xente coa que manteño amizade até hoxe. O contacto co mundo da literatura permíteme coñecer a persoas que xa formarán parte da miña vida até hoxe. Algúns xa non están. En cada época da nosa vida hai xente que toma un día o camiño da brétema.

Resido na Coruña, onde imparto aulas de lingua e literatura galega e literatura universal contemporánea.

Escrebo poesía para subsistir como persoa libre na miña patria. Mais son bastante escéptico sobre tal posibilidade. Os tempos semellan non daren xamais chegado.

NON É PARA ELES

Non é para eles
Senón para os paxaros
coas asas rotas
As campanas da miña patria
As moedas enferruxadas
No fondo dos peiraos
Os muros onde o sol pinta de negro
As fendas as ponlas das figueiras

No corazón das algas
Está o home do norde
Quería mercar unha illa
Onde o sol se deita
Escrebía nas pedras
O seu valor en moedas

Non poderemos máis
cantar nas sirtes?

Non é para eles
O verso
A moeda
A figueira
Os paxaros
Man e a pedra

O CERNE DO PAÍS

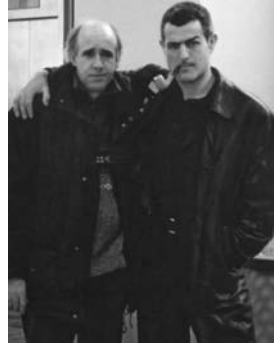
Era este o meu país
Os días abertos na música de bronce
e gaitas
festas de verán onde o amor
Os discursos políticos
Conversas en cafés que resistían
Con furia de comanches
A paleadora ou a reconversión

Sabemos con certeza
Que os sonhos non han chegar
Ou intuímos outra marea negra
E desta vez sí será o fin
Está a ser o fin quixemos dicir
E os nosos fillos non fuxirán aos bosques
Porque nada importa xa
E todo resulta inútil
Meu amigo, c'est fini
O derradeiro de nós
Que feche a billa das madrugadas
E pendure nas fiestras o cartel
For Sale
E poña en venda o cerne do país





CARLOS QUIROGA



Talvez o Gianni da foto ainda suspeite que nasci na ilha de Páscoa. O Márcio ainda tardou um ano em perguntar se aquilo da música e dos filmes porno era brincadeira, porque o de Páscoa dava por seguro. E é que os brasileiros sempre foram muito viajados. Por isso se admirou de ouvir que podia ser Escairom, aqui por perto, e nom a ilha de Páscoa. Mas aqui por perto já me vou sentindo cada vez mais estrangeiro. De modo que talvez deva ir acreditando tanto ou mais nas biografias atribuídas como naquelas pretensamente formais. Algumha destas dirá-me doutor, professor da Universidade de Santiago, bolseiro da Gulbenkian ou da Università Italiana per Stranieri ou do Camões, que passou polo ensino secundário como docente de Galego, que foi o primeiro professor de Português numha Escola Oficial de Idiomas do país, que gastou o tempo e o talento em contrabandos da escrita com Portugal, em revistas, em livros. E mencionará nos créditos literários aquele *O Mono da Tinta* (1987-1991), o primeiro *g.o.n.g.* (1999), o prémio Carvalho de *Periferias* (1999), o projecto aberto com *A espera crepuscular* (2002). Pode que até mencione a surpresa recente da Itália com *O Castelo na Lagoa de Antela* (2004). Mencionará ou ocultará outras cousas menores e mais grandes, feitas e por fazer, dependendo de quem mencione e que intençom abrigue. Mas se me pedem a mim que diga, agora, para além de todas as retóricas melhor ou pior fundamentadas, o único que me ocorre dar é ter nascido nalgum lugar do planeta terra no século XX passado. E ter a certeza de nom ser nada, de nunca ir ser nada, de nom poder querer ser nada, e, à parte isso, ter também em mim todos os sonhos do mundo, como dizia o outro, e apesar de tudo.

INCANDESCÊNCIA SEMPRE

Quando as crianças forem mandadas a lugar seguro é que um fogo deslumbra o mundo e o atemoriza. Mas eu em criança armado em giesta deixei de sê-lo por ir de Tribás ao monte parar o lume na estrada, os pés na lama de cinza entre as colunas brancas do fumo nos tocos das árvores, e esses disparos fantasmiais de algumha ramada ainda lenha e viva que de vez em quando se incendiava. Recordo ver arder um enorme poste preso às orelhas de vidro nos fios eléctricos com a base consumida em fogo

de labaredas que subiam. Recordo e vejo tal e qual atmosfera irrespirável de doer os olhos sujos agora, os arrepiados ossos negros, os arrasados canaviais, levantando faíscas e altas vagas de terríveis lumes as chamas que homens apavorados também agora combatem por terra, ar, lançam contrafogos, elas solvem e coagulam, burilam, encurvam, redobram, levam a voragem de um vulcâm num vento a voar na ponta da língua e num festim de sangue ardendo. E a guerra nos montes cheira a cadáver nas cidades.

SUBÚRBIO DO CÉU

A espuma que paira e desce das nuvens a desconhecer-nos deslizou até nos peitos de aço de donzelas que amamantam os olhares nos passeios luminosos das cidades, as gavetas das bocas que os desejam. Somos os dormentes presságios de mansos seres de ferro, estamos demasiadamente cegos para ver a poalha da suada violência devorar-nos os dedos, estes nossos que a cada dia levantam ramagens de anzóis, os que andam com pedras de gelo na mão sem repararmos nas sedes que poderíamos apagar se nos astros da cabeça se infundissem gritos. Desconhecemos os gritos nossos.

Engolimos surdos e ardemos por dentro bobos, e erramos por este universo que nos oprime porque desaparece velho e respiramos baforadas de veneno com leite alucinado. E não sabemos. Esta grande indigência plena e rica e farta em que mergulhamos os nossos ócios e os nossos ofícios, as nossas vidas complexas e os nossos nexos, e os sexos, coloca-nos em cápsulas. Urbanas. E não sabemos se o ar lá fora entre as árvores é menos mortal ou mesmo piora. A floração que dorme em nós necessita oxigênio e água. A nossa cegueira o tacto da luz para sentir nuvens na cara.



PAULA SAN VICENTE PELLICER



Sabe-se que nasceu uma manhã de Abril numa cidade de língua bífida e arejada, que repta para o mar. Foi, com certeza, no ano 63 do século passado, que por acaso, foi um ano insulso em que quase nada ainda tinha acontecido. A sua mãe gostava de recitar poemas de Rubén Darío onde “está linda la mar” e seu pai de repetir os versos elegíacos de García Lorca em que “también se muere el mar”. Ela gostava de ambos e também, e ainda mais, de roubar chocolates na cozinha, “pequena suja”, e de pensar “que o mar é tempo na alta praia” com Pessoa.

Sabe-se também que deu em escrever poemas, como qualquer adolescente, porque ela também, sem motivo nenhum que se conheça e também por isso, sentia-se triste às vezes, e sozinha. Escrever, como comer chocolates, pode chegar a ser vício, e ficou atrapalhada em ambas as duas fraquezas.

Gosta de sentir a areia quente nos pés descalços e dentro dos sapatos e entre os dedos das sandálias, de dançar, de nadar, e de praticar amor e sexo e amizade, virtual e real, de palavra e de obra e de omissão até, em qualquer modalidade, sempre que vá calor. Olha sempre para o sul. Ama a sua filha mais que a comida ao sal. É devota de São Jorge, porque é um santo capaz de vencer um dragão. E nunca, que se saiba, foi quem de escrever uma linha a lápis.

Dados constatados

1998. *Gatos a lápis sem ponta*. Ed. Caminho.

2000-4. Contos na Revista *Rodapé* da Biblioteca de Beja e na *Mealibra*.

2003. Prémio “Certame de Narracións Breves Manuel Murguía”.

1.
Há um bocadinho de tristeza
onde empoça o tempo.

Um bocadinho tristes
os pescoços lentos das girafas,
tristes as tartarugas
e as orelhas enormes dos elefantes.

Há qualquer coisa triste
no acalento das crianças
na chamada profunda das baleias
e na sombra chinesa dum caracol ao sol.

Há saudade sempre
onde empoça o tempo.

Saudade nos cristais
que edificam a terra
num hipocampo fóssil
nas algas e na areia.

Há tempo na saudade
que desenha anéis no ventre das árvores
no cantar das sereias
e na sombra triste-azul das montanhas.

Há tempo e há tristeza e há cansaço
no caminho das dunas
na carreira da água
no surdo som do lume.

Há um bocadinho de tristeza
nos rostos antigos das rochas
na obstinação do mar
na voz dos búzios.

É triste sempre
o sedimento do tempo
a velhice da terra.

2.
Criança que pergunta
para saber as coisas
olhar que ainda
não sabe
ficar na forma.

Onde acabam as árvores
e começa o céu
onde os braços do pai
e a madeira do berço.

Onde deixou a chuva
de ser nuvem
e o vento de ser cabelos
e a voz de ser viola
e o mar de ser areia
e os pássaros de ser ramagem.

Onde acabam as mãos
e começa a mãe
onde deixam os olhos
de serem luz.

3.
Abre a boca e deixa passar
o meu amor faminto
a minha língua incendiada
à procura da tua sede.

Abre a boca quando eu abro as pernas
e grita como um pavão em cio
na largura da tarde.

Arde
como arde este corpo contorcido
e chora
para que nunca seque a poça
em que tu afogas.

Abre a boca e deixa entrar a água
que transpiro
o sal da escuridade na que rezas.

Tu sabes

Sabes que sob a pele
fica apenas o medo de sermos
ossos nus
ossos pelados
sem raízes possíveis

E temos medo.

Medo do som
que o nosso corpo
faz
quando bate na terra
inerte
que já espera.

Porque a terra
Aberta
Espera.

A terra
Espera.

Abre a boca e sente
a vida que agora tenho.
Foge da morte abraçado ao teu sexo

Teu sexo
Que procura o meu
Que procura o teu
Que possui a água
Que possui o lume
Ambos a procurar a vida.

Abre a boca e goza
antes de que cheguem
eles
Abre a boca ao meu amor faminto.
Abre a boca como abro eu as pernas.

Enlacemos as mãos
Para cansarmo-nos
Porque o rio corre
E a água cessa.

Enlacemos as mãos
Porque os ossos assomam

E temos medo.



MARGA DO VAL



A Marga do Val aínda lle gustaría ser ebanista. É escritora poida que para gardar as palabras e non perdelas. É moradora da cidade de Tui, gaña a vida como ensinante e vive entre Alemaña e Galiza. Unha das súas maiores preocupacións é a recuperación da memoria histórica, esclarecer a verdade de feitos que só se saben en segredo. Moitos segredos onde está achantada a dignidade e a liberdade. Prodúcelle unha profunda tristeza a destrución das Veigas do Miño, prodúcelle carraxe. Tamén sabe que contra a violencia de xénero non serve a tolerancia. Sabe que de mulleres que din que hai outros homes aínda peores, que o delas aínda se vai levando, está o cemiterio cheo. Gustaríalle ver a Aznar condenado por crimes contra a humanidade por ter apoiado a Guerra e ser cómplice dos EEUU. Non lle gusta crer que as camisolas de Nunca Máis como as do Che Guevara forman unicamente parte da bagaxe turística. Habería que comezar por que tivesen vixencia os dereitos humanos.

Publicou poesía *Entre dunas* (2000, Espiral Maior), narrativa *O prognóstico da lúa* (1997, Obradoiro-Alfaguara) e un ensaio sobre a biografía de *Carolina Otero* (2001, A Nosa Terra).

Escribiu dúas obras de teatro que foron estreadas no 2002 e continúan a ser representadas por Roberto Cordovani e Eisenhower Moreno, *Velle Otero, o corpo que fala e Aurora Rodríguez e a súa moneca de carne*. Traballar con Roberto Cordovani e Eisenhiwer foi a súa mellor experiencia, a máis creativa, desde o punto de vista literario.

Para todas as descendentes de Matilde.
 Con gratitude a Piña e a Loliña que me falaron
 da tía Angelita e me mostraron o retrato de Fernando.

NOTICIA DA CIDADE DA LÚA TRANSPARENTE

Pouco ou nada sei da casa aquela
 Imaxe de arquivo inexistente na memoria
 Familia de Matilde a Sirena chegada da Costiña de Randufe
 De morar na outra casa en Remuíños onde a auga ergue o can-
 to para bailar nas moas pandeiretas
 ata o Tripes que se perde polo Miño
 Galano do fotógrafo percibir as dúas xanelas, unha varanda e
 no baixo catro portas
 Alí no fondo da Corredoura tenda tasca e casa de comidas tamén
 cortes
 E detrás hortas e nabais onde pastaban os cabalos de Tomiño
 que montaban homes serios e dispostos para os preitos
 Cando a vida comezaba ás cinco da mañá

Un día instalouse como música de fondo o silencio da pesa e
 detívose o xantar
 A tía Angelita, Angelita García Pérez, 30 anos.
 Acabada enterrárona con vida volve á casa da familia
 A mesma que a acollera con só oito días
 Na Corredoura péchanse ás portas e soan as pegadas doutras
 bestas
 O mundo detívose con trinta anos como o teu sangue Angelita
 de terror e para sempre
 O cabelo ficaba todo el no peite
 E o corpo mudouche nun sopro anicado nun salouco
 Matáronche a Fernando, Fernando Martínez Freiría, 38 anos
 Carpinteiro
 Non pode ser certo nada fixera coma todos eles e Pilar, a irmá
 máis vella
 Alá vai a Pereiró
 Contra a parede o seu sangue, Angelita.
 E Pilar merca unha caixa e límpalle o rosto e axéitalle a roupa

E o Tui de despois do 36 diche polos séculos dos séculos que
está morto

Que é verdade
Matáronche o home, Angelita...
E Tui atordada xa para sempre

Abandonas a túa casa
A madeira acariñada polas súas mans
O arrecendo das súas labras mesturado con mazáns e mar-
melos

e soñas coa súa roupa
Dis que a ves pola rúa e non pode ser certo
A roupa que levaba
Transcorren cinco anos e deixan que o vexas
Coa forza de Pilar
e alí en Pereiró... está aínda enteiro
Corpo soterrado co sangue quente
Testemuño da túa dor coa súa chaqueta
Fechada para sempre.

Dende a parede Fernando Martínez Freiría, 38 anos,
Carpinteiro
Convoca á dignidade
Retratado dous días antes por Benito Prieto Coussent.

A casa de Lola e Piña atrás das Monxas de Santa Clara garda
a memoria...

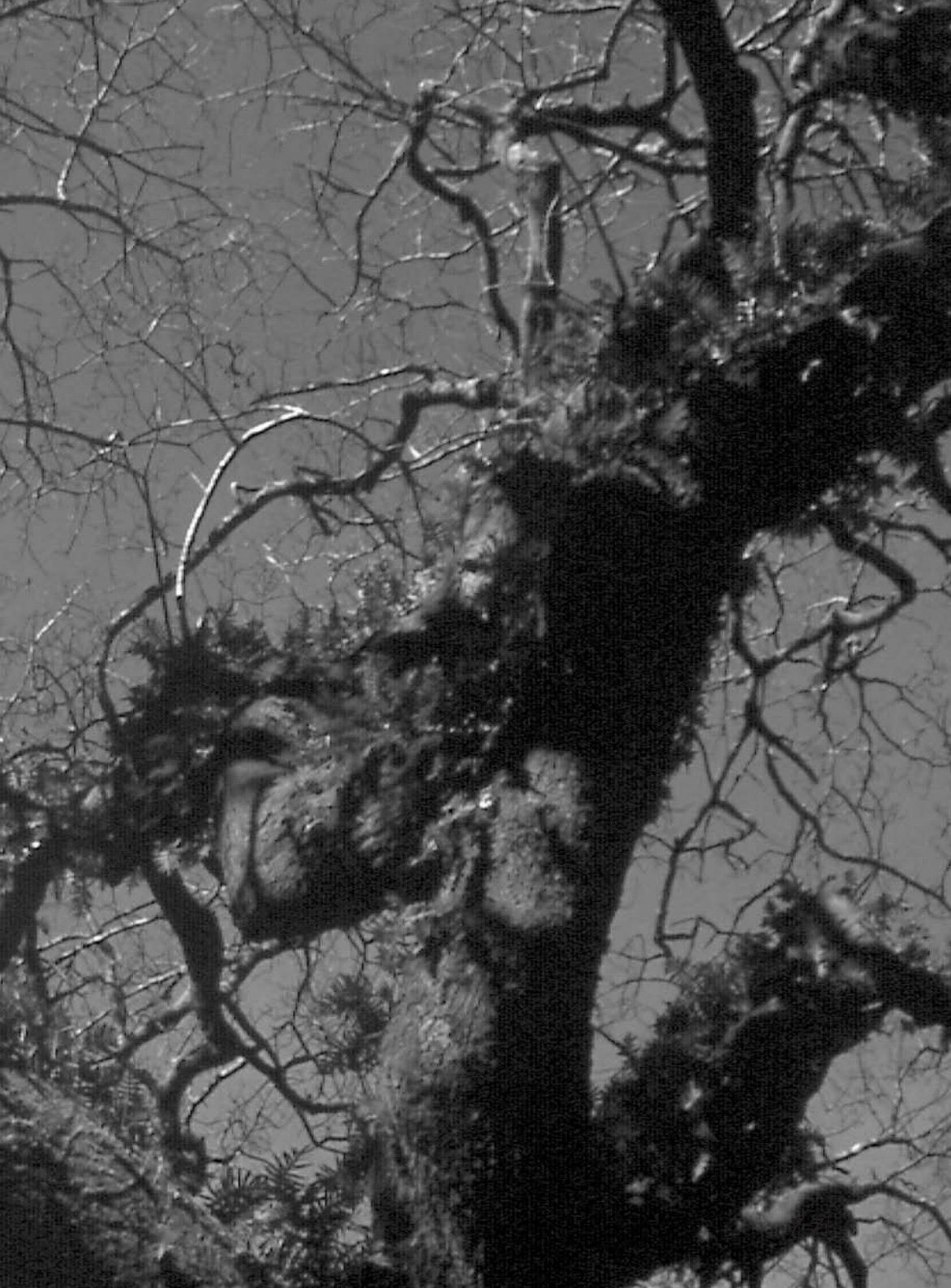
Daquela da bisavoa Matilde a Sirena que foi tenda tasca casa
de comidas só a imaxe do fotógra-
fo...

Onde a cidade se perde cara o río na beira das enxurradas do
camiño encanastrada a da tía An-
gelita que ao abrir a porta ceiba o
arrecendo de mazáns e marmelos
mesturado coas labras de Fernan-
do...

Aínda medran roseiras que eu apaño.

Para Brunilda.

E el non vén a chuvia para lavar tanta podremia
Estrados polo chan os alimentos
Corpos mutilados carne fresca
Fuxitivos entre as pedras
Romaría dos voitres
Roupa tendida nunha corda tecidos aforcados
Pegada única da vida esgazada
Silueta da ausencia dunha casa
Nas aforas da cidade un can lambe
A face dunha nena
Bícalle o sorriso e péchalle os ollos
Entre as cinzas
O lume arde no ceo e baten medos e silencios
Só frío
E só dicir
En tanto sangue sen futuro
Guerra
En Pristina, por exemplo.
Bombardean os avións da OTAN.





JOSÉ LUÍS PEIXOTO



Nasceu a 4 de Setembro de 1974 em Galveias, distrito de Portalegre, em Portugal. Desde cedo interessado pela narração de histórias, mal aprendeu a ler tornou-se sócio de uma biblioteca itinerante, na qual requisitava cinco livros por mês. Aos dez anos leu o seu primeiro romance, o *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes, e aos catorze os *Sonetos* de Florbela Espanca deram-lhe impulso para escrever. Aos dezesseis anos descobriu o poeta Fernando Pessoa e nesse mesmo ano publicou o seu primeiro poema na secção juvenil do *Jornal de Letras*, de onde transitou para o *DN Jovem*, suplemento do *Diário de Notícias*. Depois de estudar no ensino superior em Lisboa, onde também se formou em inglês e alemão, viveu dois anos em Coimbra, tendo-se iniciado como professor. Enquanto escritor, é autor dos livros de poesia *A Criança em Ruínas*, *A Casa a Escuridão*; e dos títulos de prosa *Morreste-me*, *Nenhum Olhar* (Prémio José Saramago em 2001), *Uma Casa na Escuridão*.

estás dentro de mim e olho-te nos olhos.
vejo árvores e incêndios, vejo a terra

onde tudo morreu e vejo pessoas, olhos,
a caminharem sob tempestades de sangue.

e não sei se sou eu que te vejo, terra e sangue,
ou se és tu, a seres eu, que me vês, a ser tu.

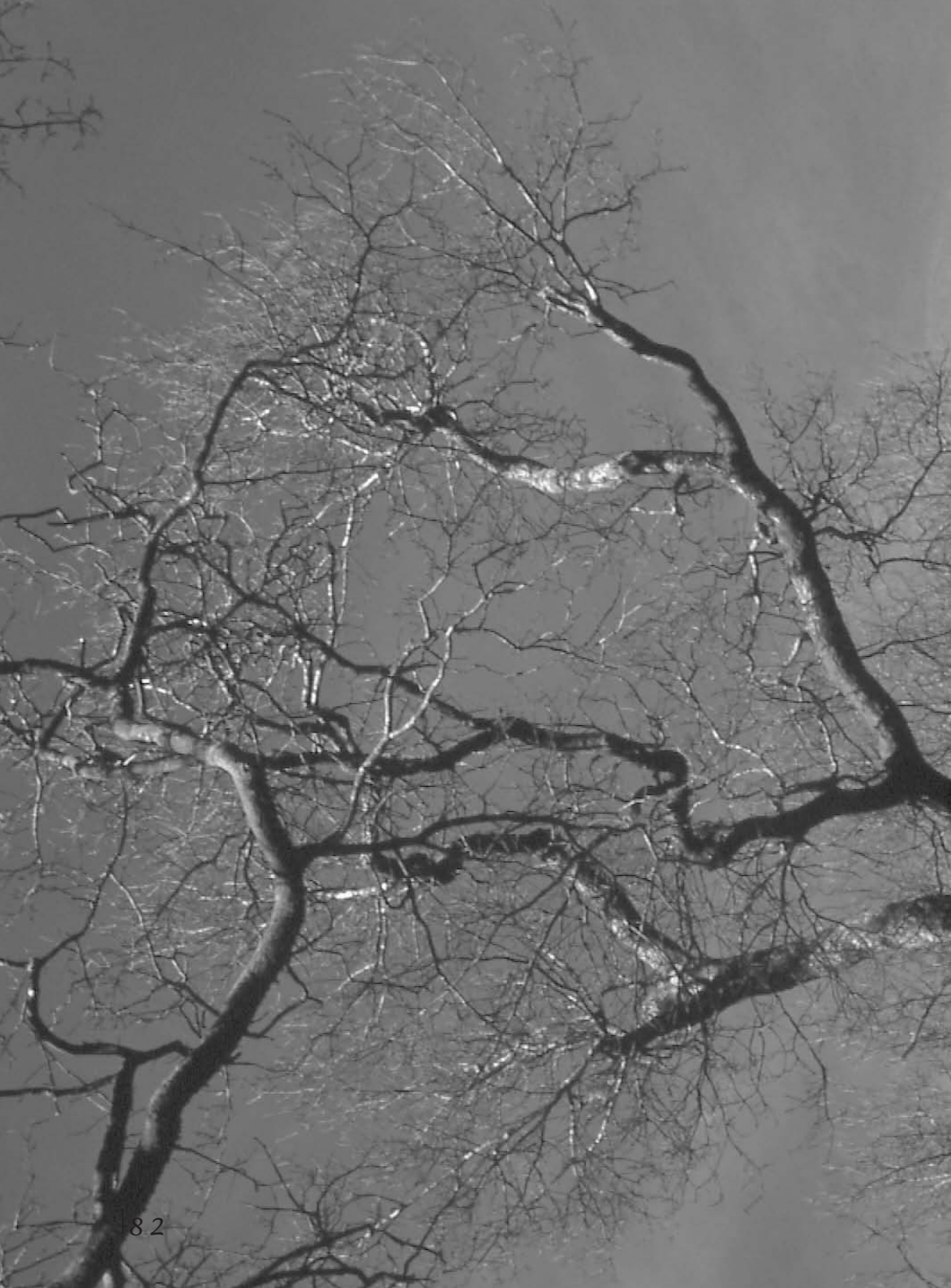
não me fales da vida, assisto à passagem dos anos,
a memória?, não, o sol insiste em nascer nos meus

olhos, como a terra nas tuas mãos, e a pele, tu conheces
a pele, responde ao meu silêncio, palavras?, não, não

quero palavras, quero um silêncio igual ao meu. tempo.
há muito tempo que desisti da minha voz, abandonei-a,

como se lançasse uma ventania por estes campos,
como se lançasse a morte de encontro ao meu corpo.

comparo o teu rosto com as minhas cicatrizes.
com certeza, o sangue é a única fonte que pode
lavar-me. preciso de um grito, como uma árvore,
um horizonte infinito porque os horizontes são
infinitos. eu sei. eu estive lá em sonhos. as tuas
mãos foram outra coisa, foram folhas a varrer-me
os pés descalços, foram o vento em janeiro e
a aragem breve de agosto. eu não esqueci.
com certeza, as pedras seguram o musgo e a pele
responde palavras sem sentido. eu estou sozinha.
esta casa é a minha escuridão cinzenta. os teus
olhos perseguem-me pela terra que se estende
diante de mim. e o sangue, as árvores. um horizonte.
e as mãos e o sangue é a única fonte que pode lavar-me.



VALTER HUGO MÃE



valter hugo mãe é poeta e editor.

Nasceu em 1971. Vive em Vila do Conde, Portugal. Publicou nove livros de poesia, entre os quais: *egon schielle auto-retrato de dupla encarnação* (Prémio de Poesia Almeida Garrett); *três minutos antes de a maré encher*; *a cobrição das filhas*; *útero e o resto da minha alegria*. É autor das seguintes antologias: *O encantador de palavras*, poesia de Manoel de Barros; *Série poeta*, *Homenagem a Julio-Saúl Dias*; *Quem quer casar com a poetisa*, poesia de Adília Lopes; *O futuro em anos-luz*, *100 anos*, *100 poetas*, *100 poemas*, para o Porto 2001 e *Desfocados pelo vento*, *A poesia dos anos 80*, *Agora*. Poemas seus estão traduzidos e editados em espanhol, francês, inglês, checo e árabe.

É responsável pelas Quasi edições, editora de autores como Mário Soares, Caetano Veloso, Adriana Calcanhotto, António Ramos Rosa, Artur do Cruzeiro Seixas, Ferreira Gullar e muitos outros.

Dirige a revista *Apeadeiro*; colabora nas revistas *ideiasfixas* (Porto) e *Sibila* (São Paulo). Colabora no suplemento 'Mil Folhas' do jornal *Público*. Prepara tese de mestrado sobre Saúl Dias e é licenciado em Direito.

Mais informações poderão ser encontradas em: www.valterhugomae.com

QUATRO FADOS PARA RAPARIGAS APAIXONADAS

tão tarde chegas

tão tarde chegas meu amor
ainda tão cedo para acabarmos
parece que agora fico sem ti
tão triste e tão cheia de dor

sem saber que coisa espero
que coisa de mim ficou
nada de mim eu quero
se nada de ti sobrou

morte secreta

pudessem ter a voz do vento
os males de meu peito
esse longo lamento
tão longo e perfeito

pudessem ter o sopro
na extensão da terra
e o coração absorto
nessa louca quimera

triste a voz do vento
no meu peito aberta
meu único sustento
minha morte secreta

vento leva-me a voz
deixa-me só e vazia
destata de mim os nós
como tanto queria

fado de amigo

ai meu amor que não vem
perdido e eu perdida também
se não ele mais ninguém
me acalma o coração

se um amor assim perdido
me deixar aqui sozinha
ninguém por mais amigo
servirá para tão triste sina

e noite ou dia farei meu pranto
como alta luz que se ergue
para no vento ser um canto
à procura do amor que perde

manto largo da escuridão
em ti sozinha me escondo,
e sobre mim pesada mão
a morte já vai pondo

perda

perdi o coração que a minha mãe me deu
assustado e eu calada também se foi
alguém lhe deitou mão, não percebeu
nem eu, amor soube pelo que dói

mãe se ele vier e quiser devolver-mo
morrerei triste e abandonada
que um amor me deixa roubada
mas alegre de sofrer sem termo



JORGE REIS-SÁ



Jorge Reis-Sá nasceu em Vila Nova de Famalicão em 1977.

Cursou Astronomia e Biologia na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e estagiou no Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto onde estudou Genética Populacional. Exerce a profissão de editor, sendo, com valter hugo mãe, responsável pelas Quasi Edições, pela empresa *Do Impensável – Projecto de Atitudes Culturais* e co-director da revista *Apeadeiro*.

Editou até ao momento cinco livros de poemas: *À Memória das Pulgas da Areia* (Quasi Edições, 1999), *Quase e outros poemas De Querença*, com pinturas de Luís Noronha da Costa (Quasi Edições, 2000), *A Palavra no Cimo das Águas* (Campo das Letras, 2000), “Afectos”, inserido no volume *Afectos e Outros Afectos* – Quasi Edições, 5 Anos, com valter hugo mãe e Isabel Lhano (Quasi Edições, 2004) e *Biologia do Homem* (Quasi Edições, 2004). Deste último se retiram os poemas aqui editados.

Tem colaboração dispersa, tanto no âmbito da prosa como da poesia, em inúmeras publicações, nomeadamente nas revistas *365*, *aguasfurtadas*, *Apeadeiro*, *Ideias Fixas*, *Inimigo Rumor*, *Jornal de Letras*, *LER* (onde assina a crónica *A Biologia dos Livros*), *Magazine/Artes* (onde assina a crónica *Matéria dos Sentidos*), *Saudade e Sibila*, e em antologias, nomeadamente nas obras *Ao Porto* e *Isto é Poesia*. Participou na antologia do novo conto português e brasileiro *Putas*. Organizou uma antologia de Al Berto e outra de Jorge de Sousa Braga, bem como os volumes *Anos 90 e Agora – Uma Antologia da Nova Poesia Portuguesa* (terceira edição, revista e aumentada, 2004) e, com valter hugo mãe, *A Alma não é Pequena – 100 poemas portugueses para SMS*.

PODERIA DIZER-TE

para a Ana, um poema e mais

Poderia dizer-te dos tendões e das mãos onde eles percorrem o seu destino. Poderia dizer-te dos olhos se quisesse ser fácil este verso, dizer-te do mar e ser evidente, ou das órbitas onde gravito em cada sorriso teu e construir metáforas. Do fascínio que as sobrancelhas me impõem nos dedos, dizer-te das nossas conversas na faculdade, entre as teóricas e a foz, entre os livros de ecologia dois e a tua ternura enquanto dissecavas, tão gentilmente, o polvo. Dizer-te da lula, não do polvo, quis mentir para esbracejar versos como tentáculos, manter viva a tinta, a inteligência mais reconhecida. Ou dizer-te do choco – era, isso sim, um choco de carapaça dura com que percorrias o bisturi e onde mantinha o meu dedo segurando-lhe a pele e entregando, desde cedo, o meu corpo ao teu cuidado. Poderia dizer-te do sangue no corte profundo dos meus tendões, mas quero saber o leitor focado antes nos teus, nas mãos com que disse o primeiro verso. Vou dizer-te: os lábios. Como quem diz nariz mas não pode, os poemas em que se dizem faces não permitem outra pele que não a dos lábios, outro cheiro que não o teu, outra boca que não a tua, próxima, interrompendo frases e subindo colinas como só estes versos longos sobem. Poderia dizer-te tudo mas tudo ficaria inaudito. Não há poema, em cinco séculos de literatura, que te compare a elegância nos versos. Nem Camões, nem Florbela, nem a nossa Rosário sussurrando-nos a voz que conhecemos nos ouvidos quando a lemos, ninguém. Pretensão enorme a minha, portanto, ultrapassar o feito e inaugurar linguagem – aquela que te descreva como deve. Poderia dizer-te se o soubesse como; ou o pudesse, pelo menos, trazer dos versos do Ruy Belo como empréstimo, elaborar o meu Elogio de Maria Teresa mudando-lhe o destinatário e em muito as suas palavras. Poderia dizer-te se essas mesmas palavras permitissem impor uma mulher no centro de uma vida, uma menina inglesa, trazida também de Cambridge, quem sabe, uma elegância alta e vertical e desejada, um cabelo e os óculos escuros, poderia dizer-te. Mas não. Que a minha memória desafia o leitor a imaginar os versos que não escrevo, dizer-te poema final e definitivo, da completude dizer-te amor.

O QUARTO DA MORTA

Chamavam-lhe quarto da morta de tão pequeno, só tinha aquela cama curta e um armário enorme que se impunha como um fantasma, da morta lembras-te, e agora é a nossa casa, eles casados e nós juntos, casados também e juntos, na casa onde morava a Ana e a Xana e que eu visitava como senhoria, eu que era só colega delas na faculdade, que também estudava fitodiversidade e o Cabral com aqueles óculos colados com fita adesiva, lembras-te, os óculos colados e nós estudávamos as bactérias e os fungos, decerto não era fitodiversidade, não, era microambiental, e ele tinha a bata branca que andava sempre suja das preparações no laboratório e muitas canetas no bolso como o Amorim, lembras-te de te contar, o Amorim dizia muitas coisas e muito pausadamente, saltava o raciocínio que era o nosso de sermos alunos com o seu acrescento de ser professor e nós queríamos entender e nada, mas o quarto, agora é a nossa casa, os pombos são os mesmos, decerto filhos ou netos daqueles que vinham ao parapeito da janela da cozinha comer as migalhas que o raio do Jorge lhes dava, chamar os pombos sem necessidade, e eu vi-te uma vez a fazer isso e disse-te nunca mais, Ivo, nunca mais, parecia tua mãe, desculpa a voz irada mas eu não gostava nada que chamassem os pombos ao parapeito, eles que viessem por querer e não por interesse, pensava, os pombos, o raio do Jorge a chamar os pombos, agora são menos mas ainda vêm escutar as nossas vozes na nossa casa, temos uma casa que é nossa, Ivo, não é maravilhoso estarmos como gente grande mesmo quando nos sentimos como crianças na faculdade, é tão bonito, nós namorávamos nas escadas de Ciências, tu ias para as tuas aulas e eu ia estudar histofisiologia para a biblioteca, os exames à porta e aquilo era muita coisa para saber, lembras-te, os tecidos, as células, os glóbulos brancos ou vermelhos, era bonito mas custava entender, ou seria matemática, no primeiro ano, em biologia, nós a estudarmos números outra vez e eu a lembrar-me do liceu, xis quadrado é positivo e as equações diferenciais, estudávamos juntos no liceu e éramos crianças e eu gostava tanto de ti, ainda gosto, ainda mais, temos uma vida, uma casa e o quarto da morta onde o Jorge e a Ana namoravam é nosso e os pombos são a nossa vida e eu sou tão feliz contigo, lembras-te da felicidade que construímos no nosso quotidiano, tu com as tuas crianças e eu a estudar, ainda a estudar, escolhi

briófitas e sou feliz no Botânico com os novos amigos que lá encontrei, e dou aulas onde estudei e a faculdade há-de ser sempre a minha vida, o Cabral lá anda, a ensinar a outros microambiental com os mesmos óculos e o mesmo ar sisudo e eu sou colega dele e cresci. Lembras-te, Ivo, de termos crescido?

BURACOS DE VERME

à Paula Lourenço

Perguntei ao meu pai, um dia, se o mundo fosse diferente existiriam grilos no meio da erva do quintal da avó de Ribeirão e cães como o Ratinho ou o Tucho que me ampararam a infância ou um céu azul onde ver o mar espelhar a sua melancolia, e ele disse que sim. Não saberia

ele que falava de universos paralelos, de buracos de verme que não os do quintal da avó, das palavras de Carl Sagan ou Stephen Hawking e das suas breves histórias do tempo que eu, tão adolescente, aprendia nos seus livros. Eu cresci

a aprender a modificar o universo na minha imaginação, a criar a flatland bidimensional e a ver hiperesferas que, seguras, faziam as suas aparições no céu. A devorar a biologia dos homens cultos nos livros que ensinavam que o brilho das estrelas era muito forte e por vezes azul, vermelho gigante em sistemas duplos e triplos que pareciam desafiar Newton e Einstein. Eu cresci. E, desde então, há

anos que procuro a inocência da minha primeira pergunta. Agora que já não tenho os olhos tão sedentos de futuro, não é possível imaginar o desaparecimento dos grilos nem as novas dimensões: apenas parar, estabelecer limites que pesam na idade e sonhar que um dia, quando reencarnar como mosca-da-fruta, vou ver a cor ultravioleta que os meus sentidos tão racionais hoje não permitem.





SONIA GONZÁLEZ



Urria hilabete ona da jaiotzeko, udako beroak behin pasatuta. Urtea zein izan zen, hobe ez aipatzea. Batzuek urte gutxiagoren indarra eta freskotasuna espero dute beti, beste batzuek urte gehiagoren eskarmentu eta jakinduriaren falta sumatzen duten bitartean.

Barakaldarra. Hiri industrialia zen Barakaldo sasoi hartan eta labe garaie-tako magalean ikasi nuen Euskal Herria metalezkoa ere badela. Eta egun ba-tean idazten hasi nintzen.

Berdin da zenbat liburu idatzi ditudan, zenbat kolaborazio beste liburu batzuetan, irratian programarik egiten dudan, Gara egunkariak edo Aizu aldizkariak nire artikulua interesgarritzat jotzen dituen, han eta hemenka kon-takizunik idazten dudan, poema-saririk jaso ote dudan... azken batez, Euskal Herria txikia eta idazleok gutxi gara, beraz, denok daukagu loreak batzeko au-kerarik. Kontua da, Sarrionandiak esan zuen legez, lore jokoak egiteari utzi eta benetan poesia idazteko sasoi heldu dela. Eta horretan gabilta, zerbaite-tan daukagun abilezia mundua aldarazteko erabiltzen ikasten. Idaztea hitzeki-ko, pentsamenduarekiko, munduarekiko militantzia da, askotan norberaren militantzia sindikal, politiko eta sozialarekin zertan lotu ez dagoen arren.

Eta biografia ortodoxoen maitaleak beti egoten direnez, oraingo honetan honekin konformatu behar.

Octubre es un buen mes para nacer, una vez pasados los calores del verano. Cuál fue el año es mejor no decirlo: siempre hay quien espera que tengas la fuerza y la frescura que dan menos años, y siempre hay quien echa en falta la experiencia y la sabiduría que da una trayectoria vital más larga.

Barakaldesa. En aquellos tiempos Barakaldo era una ciudad industrial y junto a los altos hornos aprendí que Euskal Herria también es un pueblo de metal. Un día comencé a escribir.

Y da igual cuántos libros haya escrito, cuántas colaboraciones en otros libros, si hago programas en la ra-dio, que el periódico Gara o la revista Aizu tenga mis artículos como algo interesante, si escribo relatos aquí o

allí, si mis poemas han recibido premios... al fin y al cabo, Euskal Herria es pequeña y somos pocas escritoras y escritores, así que todos tenemos oportunidad de recoger nuestras flores.

La cuestión es que, como dijo Sarrionandia, ha llegado la hora de dejar atrás los juegos florales y empezar de verdad a hacer poesía. Y en eso andamos, aprendiendo a utilizar la habilidad que tenemos en algo para intentar cambiar el mundo. Escribir es militancia para con las palabras, para con el pensamiento, para con el mundo, aunque muchas veces no haya por qué unirlo con la militancia sindical, política y social de cada una.

Y como siempre hay quien disfruta con las biografías ortodoxas, esta vez habrá que conformarse con esto.

Altuera ertaineko unibertsitariook,
 koleta eta gafadunak,
 ONG bat baino gehiagotan
 Ibiltzen zaretenok,
 Latinoamerika eta 3. mundua
 beti pentsamenduan,
 70. hamarkadako arropak
 imitatzen dituzten arropaz jantziak,
 foularrak eta kola-kaoak eskuan,
 mutil lagun modernoak,
 ileapaindegian despeinatu itxura
 40 eurotan hartzen dutenak,
 munduko biolentziarekin ondo kontzientziatuak,
 karpeta galtzarpean eta
 Adidas kirol zapatilak...

Orain arte bezala
 hipokondriak eta
 hipertentsioak
 jota sekula egon ez zaitezten
 poema-engendro hau dedikatzen dizuet.

Universitarias de mediana altura,
con gafas y coleta,
vosotras que pertenecéis a más de una ONG,
y lleváis siempre en vuestro pensamiento
Latinoamerica y el tercer mundo
vestidas con ropas nuevas
que imitan ropas de los 70,
fulares y cola-caos en mano,
con novios modernos,
de esos que en la peluquería
se despeinan por 40 euros,
carpeta bajo el brazo
y zapatillas de Adidas
siempre bien concienciadas
sobre la violencia en el mundo,

Para vosotras este poema-engendro
Para que sigáis como hasta ahora
que nunca sufráis de hipocondria
aunque seguro que
mucho menos de hipertensión.

ATZAMARRIK GABEKO LANGILEAK

Non amaitu ote zuten
 Non gelditu ote ziren
 sasoi batean hain baliagarriak
 ziren atzamar horiek.

Produkzio makinan bertan
 harrapaturik, hozkaturik, birrindurik
 usteldu ote ziren?
 Fabrika arratoietako batek ote zien
 zulo-kumeei afari ederra eroan?
 Medikuak “ez dago zereginik” esanda,
 saskibaloï keinuz, ontzi metalikora
 ote zituen bota?

Sasoi batean hain baliotsuak
 ziren atzamarrak:
 norbait deitzeko,
 isilarazteko,
 popatik hartzera bidaltzeko,
 belarrietako zikina kentzeko,
 orgasmoak lortzeko.

Atzamarrak,
 hamar hatz,
 beti hor egongo balira bezala,
 mundua ikutzen zuten eskuak osaturik,
 noizbait, urduriak jota egongo
 eta atzazkol bat faltako zitzaizela
 aurreikusi barik.

TRABAJADORES SIN DEDOS

Donde acabarían,
Donde se quedarían
Esos dedos
Que en un tiempo eran tan útiles.

Acaso se pudrieron
Atrapados, mordidos, desechos
En la máquina de producción?
Quizá algún ratón de fábrica
Llevó buena cena a la madriguera?
O fue el médico quien dijo
“no hay nada que hacer” y los lanzó
con gesto de baloncestista
a un cubo metálico?

Esos dedos que en un tiempo
fueron tan útiles:
para llamar a alguien,
para hacer callar,
para mandar a tomar por culo
para quitar la cera de los oídos
para conseguir orgasmos.

Los dedos,
diez dedos
como si siempre fuesen a estar ahí,
completaban las manos que tocan el mundo
sin prever, tan siquiera, que alguna vez
faltaría esa uña
exactamente esa que calma los nervios



ONDJAKI



Ondjaki, nasceu em Luanda, em 1977.

Interessa-se pela interpretação teatral e pela pintura (duas exposições individuais, em Angola e no Brasil). Já em Lisboa, fez teatro amador durante dois anos e um curso profissional de interpretação teatral. No ano 2000 recebeu uma menção honrosa no prémio António Jacinto (Angola) pelo livro de poesia *actu sanguíneu*. Participou em antologias internacionais (Brasil e Uruguai) e também numa antologia portuguesa. É membro da União dos Escritores Angolanos. É licenciado em Sociologia.

Algumas obras publicadas: *momentos de aqui*, *O Assobiador*, *Há Prendisajens com o Xão*, *Bom Dia Camaradas*, *Quantas Madrugadas Tem a Noite*.

ANDORINHA

a pegada da andorinha
não resiste ao vento.
celebra
inquieta
um ou outro grão
que da praia imunda, amena
é já recordação.
a pegada da andorinha
de tão leve e precária
apenas se expõe em símbolo:
um desenho escasso
uma flor franzina
que
não resiste ao vento.
...
a pegada da andorinha
é uma concha de areia
virada para a lua.

ÂNSIA

quando for a minha vez de ir ao mar, devolvam-me as andorinhas que usei na infância e as conchas e as marés e os búzios e as canas e as tardes e a nudez.

das pegadas da criança que uma vez fui tragam a leveza que inaugurava a praia e a manhã. a mão que escondia o sol e acenava ao pássaro branco.

...

a secreta ânsia de espreitar a tarde.
a expressão de repouso no olhar.

OS PÁSSAROS

que língua falam os pássaros
de madrugada
que não a do amor?
escuto a madrugada
– lento manancial de céus.

...

os pássaros
são mais sabedores.



a g r a d e c i m e n t o s

Este livro nom seria possível sem a colaboraçom de Irene Cancelas e de Carlos Quiroga, que coordenarom poetas e poetisas galegos, portugueses, assim como o angolano;

e de Jon Etxeaindia, que conseguiu a de Euskal Herria.

Contou-se igualmente com a promoçom de

Adegas Galegas, S.A.

e de

Granxa Fillaboa, S.A.

Com a colaboraçom do Concelho de Salvaterra

í n d i c e

| | | |
|-----------------|--|-----------|
| Limiar | Suso de Toro..... | 7 |
| Galiza | Artur Alonso Novelhe..... | 9 |
| | Xosé María Álvarez Cáccamo..... | 17 |
| | Marica Campo..... | 21 |
| | Ana Belén Fernández..... | 27 |
| | Carlos Figueiras..... | 33 |
| | Antom Garcia Matos..... | 41 |
| | Brais González Pérez..... | 45 |
| | Maria Lado..... | 51 |
| | Miguel Anxo Mato..... | 57 |
| | Carlos Quiroga..... | 63 |
| | Paula San Vicente..... | 67 |
| | Marga do Val..... | 73 |
| Portugal | José Luís Peixoto..... | 79 |
| | Valter Hugo Mãe..... | 83 |
| | Jorge Reis-Sá..... | 87 |
| Euskadi | Sonia González..... | 93 |
| Angola | Ondjaki..... | 99 |

